

# BIBLOS

---

*Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

**2**  
**MAR**

NÚMERO 2, 2016  
3.<sup>a</sup> SÉRIE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

A VÊNIA AO MAR  
*Bowing to the Sea*

HÉLIA CORREIA

*relogiodagua@relogiodagua.pt*

*Associação Portuguesa de Escritores, Pen Clube Português*

DOI

*[http://dx.doi.org/10.14195/0870-4112\\_3-2\\_8](http://dx.doi.org/10.14195/0870-4112_3-2_8)*

*Recebido em setembro de 2015*

*Aprovado em setembro de 2015*

**Biblos.** Número 2, 2016 • 3.<sup>a</sup> Série

pp. 171-182



I

Vi, numa praia, uma mulher deitando longamente no mar cinzas e flores. Não era uma paisagem de alcantis, não havia moldura dramática para a cena. Se o lugar estava inquieto, isso devia-se ao geral movimento de partida, quando todos recolhem os pedaços de civilização que lhes pertencem. O sol, ao afundar-se, deixa apenas a garantia de que voltará. Só nas ilhas de solo muito negro as pessoas acorrem ainda para aplaudir, como se nada fosse garantido e a adoração os ajudasse. E o sol não pousa com tranquilidade, desfaz-se em mais pequenos sóis chispantes, que dançam, como dizem que acontece nos milagres cristãos. São uns quinze minutos em que a vida de muita gente muda. Não merecem confiança, ilhas assim. Estão e não estão inteiramente aos nossos pés.

Nas costas da Europa ocidental, pode dormir-se com tranquilidade. O som do mar é cândido e, aos olhos que se fecham na luz, nada acontece. Acham-se a salvo, ao mesmo tempo, das visões e das dentadas de animais marinhos. Não são nem sonhadores nem cadáveres. Os cadáveres deslizam muito longe, chegam aos litorais que nem areia lhes podem oferecer: à pedra em bruto. Os nossos, os daqui, entram na água distraídos pela sombra do seu corpo. Na verdade, não chegam a entrar, no sentido de entrar em que é preciso atravessar alguma coisa de compacto: no sentido da dilaceração. Tão pouco falaremos de uma entrega. Parece que se brinca e não se brinca, na medida em que abundam as histórias de afogamentos por traição dos músculos. Está-se num ambiente de desporto, um desporto que exige um equilíbrio entre soberba e vigilância, como num rali automóvel. Não poderá avaliar-se o grau da alegria em cada um dos veraneantes. Avalia-se o grau do bronzeado. A pele produz uma beleza atormentada, uma beleza que não passa de um apelo, de uma conduta defensiva contra um sol capaz, até, de enlouquecer as células. Estes nus não são pobres, são apenas gente que vai morrer, por isso corre, ao contrário do que é aconselhável. Corre sempre na falsa direcção.

Não escreverei que a praia suspirou quando as pessoas a abandonaram: que suspirou, aliviada. Quero escapar às armadilhas da metáfora, ao modo como estendem sobre o texto uma cadeia de facilidades que depois o pendura

pelos pés. Tudo o que realmente aconteceu foi uma alteração da cor da areia, vinda da alteração da cor geral. A incidência quase horizontal do sol lançava os raios nos caminhos da poeira, dos vapores que sujavam o seu brilho. Era uma sujidade cor do ouro quando se liquefaz, a sujidade que sustenta o esplendor. Em frente do esplendor, estava a mulher.

Atirava para as ondas, devagar, os restos de um organismo muito amado. Dado o grande vazio em seu redor, diria que eram cinzas de animal. Para restos humanos estranhar-se-ia uma cerimónia sem outras presenças, sem lágrimas de amigos, sem a fala. Ela enfiava a mão num saco de plástico, insistência da civilização no que tem de pior e de mais prático. Avançava pela zona intermitente em que a onda se expande e ocupa a areia e logo se recolhe sem guardar de tal experiência a mínima memória. A mulher avançava e recuava, ela também, obedecendo ao ritmo. A saia, cor de mel, tinha uma barra de escuridão. Molhara-se. E, se não parecia defender-se, não tinha os movimentos de quem está familiarizado com o mar. Poderia pensar-se que era artrítica. Mas esse pensamento não obtinha aprovação da observadora. Eu queria ver, e via, a mulher jovem, queria apor-lhe a palavra “rapariga”. E, pois que não ousava aproximar-me porque o limite da privacidade, mesmo sem existir, prevalecia, a distância e a névoa cooperaram para que o vulto não desiludisse. Os pés da rapariga confundiam-se às vezes com a espuma e outras vezes com as flores brancas, talvez de íris, que vogavam. Não se podia exigir mais daquele entardecer.

Houve um momento, como há sempre, em que a cor malva e o lilás, descendo bruscamente, intimidavam, e calavam os pássaros nas rochas. É um peso que adensa as próprias águas. As pancadas das ondas são tão fortes que alguém sofrendo de imaginação não deixará de se sentir hostilizado. Provavelmente a rapariga soluçou. Julgou que as cinzas se disseminavam e que eram responsáveis pela noite. Então, partiu, com um pouco mais de pressa do que convinha para o desfecho. Mas, de facto, aquele momento assusta qualquer um.

Se eu evoco esta cena é porque nela pude ver, como nunca, a raridade: alguém que entrega aquilo que já não é humano à desumana imensidão do mar. Há um encontro sem entendimento. As ondas vêm para a rapariga, a rapariga

entrega as cinzas, molha-se, junta flores de íris que não vão morrer nem estão já mortas porque as flores não morrem. A tesoura separa-as do alimento, mas a separação não é fatal. Sabemos quanto duram flores colhidas. A senescência vegetal está bem estudada mas o que configura um assassinio, o corte brusco da tesoura, não. Não dispomos portanto de acurácia para aferir quanta vida há nessas flores que a maré leva sem agradecer. Se se deixasse entrar uma metáfora, tudo se tornaria familiar. O mar envolveria aquelas cinzas num regaço final, a piedade das ondas fá-las-ia tardar um pouco mais a despedida, juntando ainda, com as mãos de espuma, como quem faz um ramo, os íris pálidos. Como uma tal leitura nos consola! Como nos dá confiança olhar o mundo e não ver nele senão uma extensão do nosso corpo e até dos nossos sentimentos! Procedemos assim com tudo, nós, modernos.

Mas, se tentarmos o exercício do respeito, se aceitarmos a incompreensão, veremos que não temos apetrechos para o recolhimento e a humildade. Há muito que nos educaram para o domínio. E o domínio sobre aquele ser perigoso, aquela massa pronta a destruir o que lhe caia sob o alcance, esse gigante móvel e informe, cheio de poder, a que chamamos mar, produz a glória. “Heróis do mar”, assim se consideram os povos de navegadores, entre os modernos. Falo dos modernos com assanhamento e à maneira dos poetas gregos de hoje – não das velhas querelas dos franceses. Mas não há luta contra um inimigo. Nem há ocupação de território. O mar sem fim não é - peço desculpa - português. São coisas que se dizem num poema.

Essa vontade de declarar a posse já se encontra no *mare nostrum* dos Romanos. A herança do conceito e das palavras se chega em toda a sua química pureza aos dias de hoje. Todo o trabalho dos poetas que intentaram glorificar as Descobertas consistiu em encher o oceano de metáforas. O Mostrengo é o último resquício de uma ideia de mar com habitantes. São frequentes na cartografia criaturas disformes, muitas vezes uma mera desordem na colagem da cabeça e nos membros que há num homem. Ante esse grande desconhecido que ameaça, o pequeno homem, no pequeno barco, treme, não do divino horror: de simples medo. Medo da morte por afogamento e do severo Deus que o julgará. Ao marinheiro, mata-o o abismo mas espera-o o inferno. Com certeza se persignará antes de afundar. As Descobertas são um episódio da

vida de miséria das nações. Uma versão de histórias de emigrantes, sendo que estes tomam por caminhos que ainda não foram feitos. “Navegavam com o mapa que faziam”, escreve Sophia, transformando uma aflição numa fórmula eterna de beleza.

Os relatos reais estão, porém, cheios de uma simplicidade camponesa, daquele alento prático que ensina, desde a infância, o pobre a defender-se ou a resignar-se. As circunstâncias lhe dirão como escolher. Se o Mostrengo existisse, jamais ele o teria afrontado. Tão pouco endereçava alguma súplica. Fingir-se-ia de morto até passar. O poema é que trouxe o orgulho para o cenário. O poema é que se vai multiplicando em textos quase sempre abastardados.

Hoje para nós o mar significa uma ameaça de mercúrio e de detritos vários, entre os quais o plutónio letal. Os pilotos dos barcos não precisam de olhar, de utilizar os órgãos dos sentidos. Tanto a areia como as pedras incomodam cada vez mais as novas gerações que preferem banhar-se nas piscinas. *E pur...* ele permanece no seu todo, e a simbiose do belo e do terrível continua sem ter lugar no léxico. Continua a cantar-se a mansidão e o espelhar da alma no seu brilho, teima-se em evocar os velhos feitos que vão servindo, aliás, muitos propósitos. Tema corrente e recorrente, o mar. Mas toda a intimidade que se exhibe é só um artifício. Nunca existe.

Os franceses ditaram muito tempo a ocidente não só o gosto e o procedimento como a cosmovidência da obra criativa. O mar de Baudelaire, coadjuvado pelo género feminino da palavra, é quase sempre reconfortante e eufórico. Mesmo a sua faceta tenebrosa o irmana à pessoa. O abismo do mal abre-se em terra. O próprio Valéry cantou o mar e o cemitério de Sète onde hoje jaz. Mesmo nas longas travessias, o oceano é uma estrada que, requerendo embora competência especial, apesar dos seus riscos, funciona. As descrições assentam normalmente na figura de um obstáculo a transpor, um obstáculo que, levantado pela Natureza, e sendo, pois, inacessível ao humano, só passa a texto, oral ou escrito, se sobre ele se exercer uma torção antropomórfica. Di-lo-emos ou calmo ou caprichoso, traiçoeiro ou cruel, embalador, sussurrante, inconstante, vingativo. Por vezes, num tardio esforço de objectividade, louvamos nele a pedra preciosa, o azul cintilante. É um adorno.

Não que as palavras impossibilitem. O que impossibilita é a importância que nos atribuímos a nós mesmos na distribuição moderna das grandezas. Passámos toda a divindade para longe, para um edifício acolchoado com penguin onde os assexuados tocam harpa. Tudo aquilo que se sabe a seu respeito é que se trata de um lugar aborrecido. Este risonho e condoído Papa, a quem somente o nome de Francisco poderia assentar, decerto espera uma morada de pós-morte um pouco menos confortável e muito mais feliz (foi só um excuro).

Compostos de alma, de matéria e de arrogância, cobrimos tudo com a nossa sombra. Para nos apropriarmos do que é estranho, estendemos, não a mão do domador, que consegue, de facto, enjaular, mas a mão do poeta que não pode senão tornar humano o que o não é. Sob o seu toque, as árvores entristecem, a chuva lacrimeja, o mar abraça lubricamente a areia. Esta imaginação depauperada suporta mal qualquer perturbação. Já não aceita alteridade no universo.

Com que sobriedade os textos gregos nos falavam do mar. O mar era cinzento ou cor de vinho, a sua água amarga para os homens que deviam cuspi-la em situação de tempestade e de naufrágio, como deve cuspir-se qualquer líquido mortal. Cada um dos elementos existia com a sua potência e a sua opacidade. A Física, isto é, a Natureza, oferecia aos filósofos o enigma. Para todos os demais, a convivência com criações de toda a ordem, deuses, monstros, águas paradas, ilhas que sangravam e se empurravam umas contra as outras, era coreografada pelo rito, porque a delicadeza conta muito. Muitos veem sinal de orgulho naquele facto de os deuses serem configurados à nossa imagem. Creio, porém, que foram os Helenos quem rudemente copiou os imortais. Que os idealizaram tão formosos, tão cheios de poder para estabelecerem e aceitarem um fosso intransponível, ou raramente transponível, e abaterem assim qualquer vaidade supranatural.

Dir-me-ão talvez que, para os gregos, tudo é vivo e que, quanto a metáforas, estão servidos. Pois o que acho eu que são os “cavalos do mar” se não uma belíssima metáfora? São cavalos, digo eu. Se olhades bem, vereis que são cavalos de branca crina, não os nossos, mas outros, sem a carne ou o pelo que conhecemos, mas cavalos que correm e deslumbram e premeiam aqueles que se limitam a parar em silêncio para os ver.



O mar dos gregos estava, como a terra e o Monte Olimpo, cheio de corpos que oscilavam entre o belo e o terrível ou, melhor, que continham o belo e o terrível a que já fiz alusão, o admirável e o incompreensível, numa unidade de que perdemos a lembrança ao mesmo tempo que perdemos a palavra com que a designavam. “O belo é o começo do terrível”, escreve o abençoado Rilke, pondo os dois em relação mas já somente num continuum breve. Se ele em Duíno gritar, ninguém o ouve. Os anjos não o ouvem. Porque os anjos já não estão acessíveis naquele parque, naquele terraço do castelo em frente ao mar. O seu terrível é a separação. O terrível dos gregos é o encontro, é o deslumbramento, a luz tão forte que destrói as feições. Assim morreu a mãe de Diónysos. Esta foi uma das inúmeras lições que os gregos tinham contra os males da arrogância. Pois precisavam muito de lições que lhes delimitassem o lugar. Dos homens esperavam a justiça, dos deuses nada. A sua condição era a daquele que se desorienta, que anda errante no mar e no geral percurso de uma vida. Que faça o bem ou o mal é indiferente. Pois não há recompensa, só capricho. Por isso eles amam, não possuem. Toda a posse consiste em assentar uma palavra não só naquilo que testemunham os sentidos como naquilo que existe para além deles. No fim da vida, Eurípides compôs o seu poema trágico “As Bacantes” para dizer que existe o não dizível, ele que fora, de algum modo, um ateu. Mataram-no depois cadelas ou mulheres, as duas lendas seguem paralelas, numa espécie de “coda” ao brutal texto.

II

Foi pela mão da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira que cheguei perto das sereias, em Atenas. Estávamos no Museu Arqueológico e eu soube, pelo brilho dos seus olhos, que outra deliciosa aprendizagem me aguardava na sala a que chegámos. Durante mais de uma semana, a Mestreira regressou a lugares que tão bem conhecia, desperdiçando um tempo valioso, levada apenas pelo puro amor do ensino. Provavelmente nunca teve aluna tão entusiasmada e barulhenta. Eu encontrei-me, com pavor e alegria, frente à informação direta, mediada não pelos livros mas pela voz serena que para sempre guardo na memória. Passo a passo, ajudou-me a descobrir o admirável e o incompreensível, o preito e a beleza que iam juntos, o apreço dos homens pelos homens e pelas suas obras, os comoventes brinquedinhos das crianças, o grande tribunal que não passava de uma colina a que acedia qualquer um.

Em lugar do esperado saber da Academia, o que acima de tudo recebi nessa viagem foi a dura percepção de que o saber só é saber se posto em causa. Dura e exaltante. Eu percorria os espaços soltando exclamações de dor e júbilo, iniciada no trabalho de apagar certo conhecimento e inserir outro. Esse transtorno ainda hoje traz grande felicidade à minha vida.

Voltando, então, à sala do museu: passei na frente com a impaciência costumada. Previa outra surpresa e ia sorrindo. Mas encarei com estatuetas assustadoras, cabeça de mulher, corpo de pássaro. Algumas tinham pernas com contornos de coxas femininas, bem lançadas, e isso provocava um desconforto ainda maior no visitante que não sabia como assimilar mentalmente essa imagem. Não conseguia caracterizá-las como seres monstruosos. Eram antes como modelos experimentais da Natureza, criaturas a certo momento rejeitadas que poderiam, no entanto, ter prevalecido em vez de nós. Entre a feiura e a beleza não havia grau que se lhes aplicasse. Também nisso eram “outro”, um “outro” que fazia tremer. Eu só podia recorrer a um meio para as conter no mármore que as formava: dar-lhes o nome. É o poder que temos. “São harpias, não são?”.

A Mestreira apreciava, com o sorriso que, em circunstâncias especiais, reluz em juvenil malícia, o meu assombro. “São sereias”, disse.

Eu murmurei: “Oh, isto nunca mais acaba”. E já passaram vinte e cinco anos e ainda não acabou: a descoberta.

Nessa tarde, o mar grego transformou-se. Eu senti-me traída desde a infância. As mulheres-peixe, jovens e formosas, que atraíam os homens não somente com o seu canto mas com os seus cabelos, não existiam no Mediterrâneo. São invenções do norte e favorecem as lendas amorosas, simbolizando os perigos do desejo e ecoando talvez ainda o tabu das relações sexuais zoófilas. Fácil de imaginar é o fascínio dos marinheiros por elas. A sua voz não é um produto do mar mas de gargantas que eles poderão beijar como se beija a rameira sifilítica, conhecendo o perigo e fraquejando. Com o desenho gracioso das “mermaids” tudo parece fácil de entender e a manha usada por Ulisses, para fruir, sem risco, o proibido, aconselhado pela Circe dos feitiços, alojou-se no nosso imaginário sem nos prejudicar o crescimento.

Mas os gregos ouviam a história de Ulisses e outras histórias do mar, e nelas as sereias, que em vasos são pintadas com rostos masculinos, esvoaçam à beira dos navios. Não ocorre pensar em sedução. A visão é medonha, não atrai. São o seu canto e a música das suas flautas duplas que arrastam para a morte os navegantes. O canto vem dos domínios do mar, do inconfundível. A iconografia que nos mostra as sereias tão perto do convés deixa bem claro que aos humanos não ocorre travar com elas um combate corpo a corpo ou disparar as setas à distância. Há uma repelência que é, no fundo, tranquilidade da ontologia. Os que ouvem as sereias morrerão. Evitai, pois, as rotas das sereias. Por que razão atraem os humanos para a morte com o seu canto irresistível? Eis a pergunta que não tem lugar. As perguntas são feitas entre iguais, feitas por cidadãos a cidadãos. O mar, com os seus muitos e vários habitantes, consente que o atravessem, exigindo que o temam e o procurem. Pois é certo que, se o não avistarem, estão perdidos de si mesmos, os gregos. Nem sequer se alimentam muito da sua fauna, exceto os insulares. Mas é nele que assenta uma parte importante da harmonia sempre instável do mundo. Poseídon é o deus dos terremotos, sacudidor da terra e igualmente construtor de cidades. Erguem-se e caem fortalezas e os homens poderão aplacar, não pedir contas.

Fazem-me com frequência uma pergunta: porque é que um povo que era tão excelente no exercício físico e que dispunha de uma tal extensão costeira

não cultivou qualquer desporto náutico? Eu penso que conheço uma resposta. Sendo indizível, não a posso dar. Digo só que nos rios, sim, banhavam-se. Brincavam neles as bonitas jovens nuas. Eram águas ligeiras, de passagem, que literalmente não se concentravam. Águas que ainda não tinham dentro delas a amargura do sal. Estas últimas frases, claro, omito-as, porque não gosto de que me olhem com piedade.

Xerxes, o persa, chicoteou o mar porque as correntes não lhe obedeciam. Este é, ao que se sabe, um dado histórico ou, pelo menos, gravado nos testemunhos vivos para o século V. Agamémnon, para convocar os ventos, sacrificou a filha. É um dado mítico. Mas os persas lutavam como escravos, os helenos lutavam pela pátria e não obedeciam a um chefe. Aos deuses e ao mar e à terra obedeciam. Nas cidades agiam fortemente, nas assembleias eram faladores, na política eram implacáveis. Mas sobre o belo e o terrível. Abriam minas, é verdade, mas bem longe, onde o sagrado se rarefazia e as entidades ctónicas se achavam muito mais fundo do que a prata cobiçada.

O mar destruidor e indiferente, referência última do olhar dos caminhan-tes, o que intimida porque mata mas também porque nunca se deixa interpretar, esse corpo mutante em que não pode um homem segurar-se e confiar, o som sem fala, a transparência imperscrutável, tudo desapareceu nos novos tempos. A ciência fez muito do trabalho pela ditadura do positivismo até que finalmente abriu as portas às incertezas, aos acasos, aos possíveis. Diz-nos ela que vimos do mar e somos água. É um grande argumento a desfavor do meu modo de estar perante o mundo: a ausência de familiaridade. Comemos sal, choramos sal. Comemos sol na clorofila e sol na carne de quem come clorofila. Bebemos água doce. Se não fossem a fala, a cidade e o sagrado seríamos exatos animais, plantas, os frágeis vivos dependentes das grandes massas cósmicas. Aquilo que nos distingue gera a angústia que só a humildade apazigua nas suas formas nobres: arte e rito que proveem, aliás, do mesmo impulso e resultam na mesma exaltação. Não passamos de emanações moleculares, porém capazes de inteligência e espanto, mais ainda do que de autoridade e de memória. Sendo a origem comum, o grande passo é separar os elementos, consagrá-los, olhá-los com a frescura de quem olha pela primeira vez, sem converter. Essa a ecologia,

esse o poema, o difícil poema despojado. Creio que, entre os modernos, só as mentes redimensionadas pelo ópio puderam conceber esse outro mar, desumano, terrível, o puro mal parado, negro, intenso e sem objeto. Coleridge, Poe, até mesmo Baudelaire, que canta o mar como semelhante em tantos dos seus poemas, em *Sept Vieillards* lhe chama “monstrueuse et sans bords”.

Esse é o mar desafiante, o novo mar para o qual a rapariga atira as cinzas. O mar que existe, sem a compaixão, sem entender a dor que há numa perda, sem se dar a qualquer metamorfose. Esta é a rapariga, com o seu saco de alta poluição, com cinzas, flores e gestos absolutos. Coberto tudo pela luz do entardecer que há-de trazer a noite verde e inenarrável.